

## DE INTERVENTOR A DEMOCRATA: AS DIVERSAS FACES DE RUY CARNEIRO

Ana Beatriz Ribeiro Barros Silva<sup>1</sup>

### Introdução

Argemiro de Figueiredo foi exonerado do cargo de Interventor da Paraíba devido a dissensões inter-oligárquicas que vinham ressurgindo e, nesse contexto, Ruy Carneiro foi nomeado por Getúlio Vargas para ocupar o cargo máximo do Executivo estadual, haja vista que este estava alheio às disputas políticas locais por morar no Rio há dez anos. Para Vargas, tal fato garantiria a Carneiro a capacidade de administrar tais disputas e manter a ordem no estado.

Após a nomeação, o jornal *A União*, órgão oficial do Estado, se vê na necessidade de apresentar o novo Interventor aos paraibanos e inicia uma verdadeira campanha de construção da imagem do novo governante como um homem preocupado com os interesses da coletividade, esclarecido, moderado e extremamente devotado ao Estado Novo. Por outro lado, como Ruy Carneiro chegou ao poder como uma força de oposição a Argemiro – apesar de não assumi-lo formalmente - o órgão oficial do Estado inicia a desconstrução da figura de Argemiro de Figueiredo, fazendo graves denúncias à sua administração. Sendo assim, sua administração é seguidamente denominada de “calamitosa” e são feitos constantes ataques, inclusive pessoais, a Argemiro.<sup>2</sup> Para *A União*, como veremos, Ruy Carneiro era exatamente o oposto de Argemiro.

Em nosso estudo, focaremos na narrativa tecida pelo *A União*, especialmente em como o jornal buscou construir a imagem de Ruy Carneiro, ou melhor, as imagens, tendo em vista a prodigalidade do órgão em atribuir qualidades ao Interventor. Ruy Carneiro ainda hoje é conhecido na política paraibana como um homem fortemente engajado com o social e capaz de conciliar interesses opostos. Tendo sido Interventor durante o Estado Novo e senador por quatro mandatos consecutivos, até sua morte em 1977, como lhe foi possível construir a imagem de “campeão da prestimosidade” e mesmo de “democrata”? Grande parte disso se deve ao assistencialismo que foi a marca

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela UFPB e Mestre pela Universidade de Manchester (Inglaterra).

<sup>2</sup> Este processo foi mais bem discutido no artigo: Cittadino, Monique e Silva, Ana Beatriz Ribeiro Barros. “Estado Novo na Paraíba: aspectos iniciais da Interventoria de Ruy Carneiro (1940-1945)” In: Monique Cittadino e Regina Célia Gonçalves (orgs.), **Historiografia em diversidade**: Ensaio de História e Ensino de História. Campina Grande – PB: Editora Universitária/ UFCG, 2008, pp. 121-142.

de sua prática política e que sem dúvida teve suas raízes no período em que foi Ruy Carneiro foi Interventor.

A *União* foi o verdadeiro porta-voz das imagens e idealizações que a Interventoria queria transmitir à população, tendo ainda por missão deixar encoberto tudo que fosse contrário à consolidação e aceitação do regime. Portanto, nosso objetivo no presente artigo será analisar a linguagem utilizada pela narrativa oficial, suas idealizações, preferências, bem como lacunas e omissões. Como veremos, entre tantas imagens, duas mereceram maior destaque: a de realizador e a de democrata.

### **A construção de uma nova força política**

Ao assumir o poder, Ruy Carneiro desfez todo o controle argemirista e impôs sua própria máquina política, mudando todos os prefeitos, colocando elementos de sua confiança nos municípios e alijando do poder quem até então o detinha. Uma das práticas mais utilizadas no início de seu governo foi a supressão de cargos e serviços, sob a alegação de cortes de despesas supérfluas. Tais atos, segundo *A União*, longe de serem fruto de perseguição política, eram uma demonstração do espírito público de Carneiro e de sua disposição de trabalhar pelo coletivo.

Nesse sentido, tornou-se freqüente a afirmação de que o governo não tinha adversários, pois toda a Paraíba apoiava a Interventoria. Um exemplo disso é a matéria de F. Moscoso, onde o articulista afirma que na Paraíba: *“Não há lugar para perseguições: há, sim, um campo vasto para o trabalho dirigido em favor da economia do Estado e no interesse do próprio trabalhador. Aqui há lugar para todos, menos para os parasitas”*.<sup>3</sup> A Paraíba, sob Ruy, estava vivendo num clima verdadeiramente pacífico, divorciado de interesses particulares ou de facções:

O ambiente de perfeita segurança e ampla liberdade que se respira nesta Capital estende-se por todo o território paraibano, numa demonstração palpável de que a desconfiança que o governo passado inspirava ao povo foi substituída pelo sentimento de compreensão e o desejo sincero de íntima cooperação na obra de reconstrução encetada pelo Interventor Ruy Carneiro, com a colaboração leal e esclarecida do seu secretariado. (...) Os municípios desoprimidos do caciquismo local, com a eliminação das influências dos grupos hostis sem uma visão nítida da vida pública comunal, encontram-se em franco retorno à época em que predominavam processos de

---

<sup>3</sup> **A União**. João Pessoa. 7 Set. 1940, p.3

honestidade administrativa, ao mesmo tempo que um sopro de renovação agita todas as suas forças vitais.<sup>4</sup>

É recorrente a idéia de que a Paraíba não poderia ficar dissonante do ritmo de progresso, de trabalho, de paz e de segurança que estava levando o Brasil para frente, o que só seria possível graças a serenidade e energia de Ruy Carneiro, que sabia governar à margem de grupos e prevenções pessoais, além de contar com o apoio integral de Vargas e todos os órgãos da administração federal.<sup>5</sup> É freqüente também a idéia de que Ruy Carneiro teria se consagrado entre todas as classes sociais. O governante seria detentor da virtude do espírito público, e, portanto, era capaz de colocar o interesse coletivo acima de quaisquer interesses. Enfim, era “*uma mentalidade integrada na ideologia do novo regime político brasileiro*”<sup>6</sup>.

### **O realizador e seu povo**

A Interventoria, segundo o discurso oficial, alcançara êxitos nas mais diferentes áreas: viação, saneamento, saúde, assistência social, educação, segurança pública, entre outros. Eram freqüentes as matérias com o detalhamento dos projetos das obras públicas, fotografias das visitas do Interventor com o objetivo de inspecionar seu andamento, além, evidentemente, do grande alarde feito a cada obra inaugurada. Dando continuidade ao processo de construção de sua auto-imagem, a Interventoria é então apresentada pelo órgão oficial como uma administração extremamente bem sucedida: controle nas contas públicas, grandes realizações materiais, comprometida com o regime estadonovista, além de marcadamente condescendente com possíveis forças oposicionistas.

Segundo *A União*, o programa de administração de Ruy Carneiro, em que a assistência social ocupava um lugar de relevo, vinha repercutindo em todos os pontos do país. Para tanto, são publicados telegramas de autoridades, bem como notícias dos mais diversos jornais como forma de comprovar tal idéia. *A Manhã*, do Rio, afirmou que era “confortador” o quadro de realizações da Paraíba.<sup>7</sup> Para *A União*, as atividades de Carneiro “*bem assinalam o seu espírito dinâmico, inteiramente dedicado aos interesses da terra que governa com acentuado patriotismo*”<sup>8</sup>.

<sup>4</sup> **A União**. João Pessoa. 5 Dez. 1940, p.3

<sup>5</sup> **A União**. João Pessoa. 21 Ago. 1940, p.3

<sup>6</sup> **A União**. João Pessoa. 11 Set. 1940, p.1

<sup>7</sup> **A Manhã**. Rio de Janeiro, 30 jul. 1942. Apud **A União**. João Pessoa. 31 jul. 1942, p, 5/6

<sup>8</sup> **A União**. João Pessoa. 5 ago. 1942, p. 6

Na ocasião do segundo aniversário do governo Ruy Carneiro, afirma-se que as diretrizes postas em prática pelo governo demonstravam que não tinham sido improfícuos os esforços empregados para o reajustamento da forças produtivas e o equilíbrio financeiro do estado. Portanto, “(...) *é sem festas nem alardes que o Interventor Ruy Carneiro executa o seu programa de governo, procurando ir ao encontro das aspirações e necessidades da Paraíba, unificada pelo seu espírito de conciliação e acentuado sentimento do bem público.*”<sup>9</sup> Segundo o *Jornal do Comércio*, de Pernambuco, o governo da Paraíba estaria assinalando um surto de iniciativas, num clima de confiança e trabalho<sup>10</sup>.

Ruy Carneiro é apresentado como um exemplo de administrador que faz tudo que está ao seu alcance pelo desenvolvimento de sua terra, mas que, para tanto, não se distancia do povo. Muito pelo contrário, pois quem quer falar com ele pode fazê-lo quando bem quiser. Raul ainda afirma que os “*teóricos de gabinete*” deveriam tomar lições com esse “*mestre da arte de governar, que é Ruy Carneiro, cujas mãos eu vi as crianças paraibanas beijarem.*”<sup>11</sup>

Segundo o órgão oficial, as realizações de Carneiro eram surpreendentes haja vista os desequilíbrios causados pela guerra mundial e pela grande seca de 1942, e enfatiza:

Na gestão atual o Palácio da Redenção é uma casa aberta a todos os homens de boa vontade. A ricos e pobres, a quantos desejem o convívio do Interventor.(...) Governar assim é servir ao povo de maneira sincera. Sem iludi-lo com falsas promessas. (...) Pode hoje o chefe do Estado receber, desvanecido, os aplausos e o reconhecimento do nosso povo. Porque soube mostrar-se à altura de sua missão. Porque está correspondendo plenamente à confiança do benemérito Presidente Getúlio Vargas.<sup>12</sup>

O jornal oficial também apela para um sentimentalismo exacerbado, na tentativa de criar um forte vínculo governante/ massas. Isso pode ser demonstrado por ocasião das visitas de Ruy Carneiro a hospitais e instituições filantrópicas, onde, segundo o jornal, ele se interessaria por cada caso, conversaria com cada enfermo, se inteirando das condições de vida do povo que governava. As pessoas o olhariam com agradecimento, “*órfãzinhas*” beijavam suas mãos, pois conseguiam sentir mais do que os adultos os gestos generosos do governante, e as pessoas em geral ficavam impressionadas com a facilidade que era chegar perto do Interventor e dirigir-lhe

<sup>9</sup> **A União**. João Pessoa. 16 ago. 1942, p1

<sup>10</sup> **Jornal do Comércio**. Recife, 1 out. 1942 Apud **A União**. João Pessoa. 2 out. 1942, p 3/5

<sup>11</sup> *Idem*.

<sup>12</sup> **A União**. João Pessoa. 16 ago. 1944, p.1

algumas palavras, que ele escutava com toda atenção, tratando-as de igual para igual, haja vista a simplicidade de Ruy Carneiro.<sup>13</sup> Portanto, esse seria o clima em que vivia o Estado: de intenso trabalho inspirado por um governante que se dedicava inteiramente a seu povo.

### **O democrata**

Ao passo que *A União*, utilizando-se não apenas do texto escrito, mas também de diversas fontes iconográficas, constrói a imagem de Ruy Carneiro como sendo um homem devotado à sua terra, grande realizador, comprometido com o Estado Novo, bem relacionado na Capital da República, amigo pessoal do Presidente Vargas<sup>14</sup>, preocupado e identificado com as questões sociais, e excelente administrador, outra imagem desponta no jornal oficial, a de democrata. A Paraíba viveria então em perfeita paz e bem-estar, fruto do espírito humanitário e democrático que caracterizavam Ruy Carneiro.

A construção da imagem democrática do Interventor tem início especialmente no ano de 1942, o que é demonstrado por suas declarações a favor da liberdade e da democracia, tendo sido, segundo o órgão oficial, o primeiro Interventor a condenar o nazi-fascismo e a política das nações do eixo. Em 1941, Carneiro telegrafou a Vargas congratulando-se com a condenação brasileira ao ataque japonês a Pearl Harbour<sup>15</sup>. Também compareceu em janeiro de 1942 à Conferência do Rio de Janeiro onde, com exceção da Argentina, todas as nações latinoamericanas alinharam aos EEUU, contra o Eixo. À Imprensa carioca, ele declarou que cada paraibano era um “*soldado da liberdade*”.<sup>16</sup> Ao jornal *O Globo*, afirmou: “*No meu estado não há quinta-coluna! (...) Em toda a Paraíba o espírito americanista domina e empolga o povo*”. Neste tocante, a campanha de Ruy de combate à quinta-coluna é ampamente comentada, como podemos perceber nas declarações de Permínio Asfora, prefeito de Pilar:

Democrata convicto e patriota exaltado, o dr. Ruy Carneiro, seguindo a orientação geral da União, perseguiu tenazmente os elementos anti-nacionais e desarticulou a ação da ‘quinta-coluna’ na Paraíba, eliminando esse perigo interno que

<sup>13</sup> Alguns exemplos desse tipo de relação estabelecida entre Ruy e o povo podem ser encontradas em **A União**. João Pessoa. 30 dez. 1944, p3

<sup>14</sup> Acerca da admiração de Ruy Carneiro cultivava pelo Presidente Vargas, vide RODRIGUES, Inês Caminha Lopes. “ Ruy Carneiro, Getúlio Vargas e as sombras do sol”. In: **Boletim de Pesquisa**. Vol. 3 João Pessoa: UNIPÊ, [s/d]. Neste texto, é ressaltada a verdadeira devoção que Ruy dedicava a Vargas, a saudade que sentia deste e mesmo sua inconformação com a morte do Presidente.

<sup>15</sup> **A União**. João Pessoa. 15 dez. 1941.

<sup>16</sup> **O Globo**. Rio de Janeiro. 18 jul 1942 Apud **A União**. João Pessoa. 19 jul. 1942 p. 8

tanto mal causou a outros países e nos ia ameaçando gravemente. (...) A Paraíba está solidamente integrada na comunhão brasileira, e dá, sob o comando de Ruy Carneiro, a sua contribuição para o grande esforço comum que a nação realiza.<sup>17</sup>

Ao *O Jornal*, do Rio, o Interventor declarou:

O povo paraibano era trabalhador e disciplinado e sempre repudiou o nazifascismo, manifestando-se ainda mais adversário do totalitarismo. Depois que o Brasil revidou a agressão criminosa dos submarinos do ‘eixo’ cresceram ainda mais a revolta, a indignação e o desejo da população da Paraíba de entrar em luta com o inimigo covarde, dando assim, uma prova do seu amor à liberdade e de que está certa da segurança do seu destino.<sup>18</sup>

Em 1944 foi criada a Liga de Defesa Nacional, que teve como presidente de honra o Interventor Ruy Carneiro. Após a cerimônia de posse, foi comemorado o 2º aniversário de rompimento com o eixo<sup>19</sup>. Ficou a cargo da Liga a organização de uma campanha de ajuda a FEB (Força Expedicionária Brasileira).<sup>20</sup>

Quando do desembarque das forças aliadas na Europa, que ficou conhecida posteriormente como “Dia D”, Ruy Carneiro declarou: “(...) *A Paraíba, tradicionalmente vinculada aos sentimentos cristãos, rejubila-se com a Humanidade ao ouvir a clarinada da marcha triunfal das Nações Unidas para a vitória retumbante da civilização (...).*”<sup>21</sup> Inspirado pelo êxito aliado, Ruy Carneiro mudou a denominação dada à povoação de “Barreiras” para “Bayeux”, nome da primeira cidade francesa libertada pelos aliados, em homenagem à “*França Combatente e contra a tirania dos nazistas*”. Tal medida foi amplamente elogiada pela Imprensa do país, estudantes, entidades, sindicatos etc.<sup>22</sup>

Para a oficialização da cidade de Bayeux, houve uma grande solenidade, com extensa programação festiva, e que contou com a presença de muitas autoridades, entre elas um representante do embaixador da França, o Comandante Jean Gayral, além do Interventor e seus auxiliares. Segundo o órgão oficial, uma multidão compareceu, e *A União* festeja: “*Renasce a França na libertação de Bayeux. (...) A Paraíba, pelo seu governo e pelo seu povo, interpretando o sentimento nacional, homenageia a França imortal, inaugurando, hoje, o marco simbólico da Bayeux brasileira*”.<sup>23</sup> As escolas municipais passaram a se chamar “Escolas Primárias Reunidas Joana D’Arc”, a praça

<sup>17</sup> **Jornal do Comércio**. Recife. 1 out 1942 Apud **A União**. João Pessoa. 2 out. 1942 p. 3/5

<sup>18</sup> **O Jornal**. Rio de Janeiro. 11 set. 1942 Apud **A União**. João Pessoa. 12 set. 1942 p. 6

<sup>19</sup> **A União**. João Pessoa. 27 jan. 1944 p.3

<sup>20</sup> **A União**. João Pessoa. 20 out. 1944 p. 3

<sup>21</sup> **A União**. João Pessoa. 7 jul. 1944 p. 1

<sup>22</sup> **A União**. João Pessoa. 28 jun. 1944 p. 3

<sup>23</sup> **A União**. João Pessoa. 14 jul. 1944 p. 3

principal recebeu o nome de “6 de junho” e nesta foi inaugurado, ainda, um obelisco comemorativo. Segundo o órgão oficial, uma incalculável multidão acorreu à Praça 6 de junho, onde foram ouvidos com emoção o hino nacional e a marselhesa. Destaca ainda que a compreensão da importância daquele momento foi geral, mesmo pelos homens mais humildes<sup>24</sup>. Ao *Diário de Pernambuco*, o Comandante Jean Gayral disse: “*Senti vibrar o coração do povo do Brasil que ama a França fraternalmente*”.<sup>25</sup> E o órgão oficial do Estado afirma: “*Bayeux será verdadeiramente um pedaço da França no Brasil. (...) A Baxeux brasileira criada pelo espírito de luta de Ruy Carneiro é mais um traço de união dos sentimentos espirituais que ligam, indissolavelmente, o Brasil à França*”.<sup>26</sup>

Como analisa Arruda, o posicionamento pró-Aliados e de oposição ao nazinipofascismo de Ruy Carneiro era muito mais adequada ao ponto em que se encontravam as relações do Brasil com as nações Aliadas, o que contrastava com a inclinação pró-eixo de Argemiro<sup>27</sup>, característico do posicionamento brasileiro do início do conflito mundial, quando Argemiro ainda se encontrava no poder<sup>28</sup>. Posto isso, mudado o posicionamento político-ideológico brasileiro perante a guerra, deveria mudar também o tipo de governante, entrando no poder um que estivesse identificado com a nova conjuntura nacional. O Brasil estava lutando pela democracia (apesar do regime vigente então no Brasil ser ditatorial) e a Paraíba precisava de um Interventor que fizesse jus a esse posicionamento; precisava, pois, de um democrata<sup>29</sup>.

No entanto, essa imagem “democrática” de Ruy Carneiro não se limitava ao seu posicionamento quanto aos conflitos internacionais, como também, e principalmente, pela sua complacência com possíveis forças oposicionistas, que são por vezes apontadas como inexistentes na Paraíba. Essa imagem tem início mesmo quando Ruy Carneiro ainda não havia assumido a Interventoria, tendo sido apenas nomeado. Ainda no Rio,

<sup>24</sup> **A União**. João Pessoa. 14, 15 e 16 jul. 1944, p.3

<sup>25</sup> **Diário de Pernambuco**. Recife. 21 jul. 1944. Apud **A União**. João Pessoa. 22 jul. 1944 p. 3

<sup>26</sup> **A União**. João Pessoa. 14 jul. 1944 p. 3

<sup>27</sup> Sobre a administração de Argemiro e suas inclinações pró-Eixo, vide GURJAO, Eliete. Op. Cit. como também FALCAO, Martha. Op. Cit., que dedica toda uma unidade de sua obra para analisar a repressão aos trabalhadores e comunistas.

<sup>28</sup> MELLO, José Octávio. Op. Cit. . p.42 - 44

<sup>29</sup> A visão da Interventoria de Ruy Carneiro como tendo sido um período sem disputas políticas, uma “Suíça brasileira”, e de que seu comandante seria um democrata, foi corroborada por grande parte da historiografia paraibana, da qual podemos citar algumas obras, tais como: CARVALHO, João Manoel de. “Ruy – a última cidadela do populismo”. In Pontes da Silva et José Octávio (Coords.) **Poder e política na Paraíba. Uma análise das lideranças. 1960-1990**. João Pessoa: A União/API. 1993, pp.29-34. ARNAUD, Raphael Carneiro. “Um governo liberal, democrático e pluralista”. In José Octávio de Arruda Mello (Coord.). **Capítulos da história da Paraíba**. Campina Grande: Grafset/Secretaria de Educação e Cultura, 1987, pp. 308-312.

ele dirigiu uma mensagem aos paraibanos na qual disse: *“Não me animam veleidades de mando. Não levo para o governo sentimentos nem compromissos de facção. Meu único compromisso é trabalhar pelo bem da terra comum, para que ela possa desfrutar os benefícios da ordem e da justiça”*.<sup>30</sup> Podemos destacar ainda a seguinte afirmação de Ruy Carneiro: *“Trei governar o meu Estado sem ódios nem paixões”*.<sup>31</sup> Também é bastante significativa esta passagem extraída do discurso de posse de Ruy Carneiro: *“Não vim exercer represálias nem vinganças. Não vejo inimigos e sim a Paraíba acima das discórdias que a dividiram numa fase de exaltação (...) Não vim acender as fogueiras da violência; não vim excitar o ódio dos perseguidos”*.<sup>32</sup>

O jornalista Carlos Lacerda, diretor da Agência Meridional, afirmou que Ruy Carneiro estava construindo, quanto ao aspecto político, uma espécie de “Suíça democrática” na Paraíba, de tão brando que era o clima político no estado.<sup>33</sup> Com relação a essa afirmação de Lacerda, Wergniaud Vanderley, prefeito de Campina Grande, em entrevista ao *Diário da Noite*, observou:

É uma grande justiça que fazem ao sr. Ruy Carneiro. Na Paraíba respira-se efetivamente liberdade. Não há perseguições políticas, não há vinditas, não há desigualdades. (...) Democrático, tendo sido o primeiro chefe de governo estadual a se manifestar oficialmente contra a política nefanda do eixo, o sr. Ruy carneiro pratica na Paraíba a verdadeira democracia. Daí, sem dúvida, o carinho com que o cerca o povo e o prestígio que desfruta também extra-fronteiras estaduais. A Paraíba não poderia estar entregue a melhores mãos<sup>34</sup>.

Em matéria por ocasião do quarto aniversário da administração de Ruy Carneiro, *A União* publicou uma extensa matéria sobre as principais realizações da Interventoria, afirmando que no período transcorrido, Ruy aplicou na Paraíba uma *“política de valores humanos dentro do espírito democrático que é o traço fundamental de sua atuação pública”*, e complementa:

A esse respeito, não há aqui uma voz discrepante. Seu despreendimento, seu senso objetivo da realidade foge ao espetáculo das estereis lutas de facção. Assegurando aos paraibanos um ambiente de trabalho tranqüilo, de ordem e garantias, o ilustre conterrâneo deu à sua posição o decoro de não comprometê-la no debate de casos pessoais, de atritos fúteis, de mesquinhas intrigas de compadrio. (...) E essa fé na Democracia, essa confiança nas forças de integração jurídica da sociedade, que tornam

<sup>30</sup> **A Imprensa**. João Pessoa. 7 ago. 1940, p.1. Apud **A União**. João Pessoa. 8 ago. 1940, p.1.

<sup>31</sup> **A União**. João Pessoa. 14 ago. 1940, p.1

<sup>32</sup> **A União**. João Pessoa. 17 Ago. 1940, p.1/2/5/8

<sup>33</sup> **A União**. João Pessoa. 30 jan. 1944 p. 5/ 6

<sup>34</sup> **A União**. João Pessoa. 30 mai. 1944 p. 3/5

o governo Ruy Carneiro um exemplo de paz interna, de compreensão republicana, de fraternal harmonia entre as classes. Governar assim é servir ao povo de maneira sincera. Sem iludi-lo com falsas promessas. É servir à lei, sem apelo ao condenável recurso da violência<sup>35</sup>.

Com relação às festividades populares pela passagem do 4º aniversário do Governo Ruy Carneiro, estas seriam uma demonstração da “*admiração e simpatia de toda uma coletividade pelo seu dirigente tolerante, realizador e democrata*”.<sup>36</sup>

Em entrevista à Agência Meridional, José Joffily Bezerra afirmou que a administração de Ruy Carneiro seria um regime de “harmonia e trabalho”, declarando ainda

(...) o testemunho unânime dos meus conterrâneos constitui prova eloqüente de que o Governo Ruy Carneiro é um governo sem adversários. (...) Somos, em suma, refratários a tudo quanto entrave o programa do presidente Getúlio Vargas e de seu leal colaborador, o Interventor Ruy Carneiro.”<sup>37</sup>

Samuel Duarte, Secretário do Interior e Segurança Pública, em entrevista concedida ao *Diário de Pernambuco*, assegurou: “*Governando com tolerância e com a noção impessoal da função administrativa, o Interventor Ruy Carneiro se considera, em vez de um chefe, um servidor devotado do povo paraibano. Essa compreensão democrática do poder é a sua grande virtude, é a sua força.*”<sup>38</sup>

Todavia, esta imagem de “democrata” não seria transmitida apenas pelos altos funcionários e auxiliares de Ruy Carneiro. Tenta-se passar a idéia de que todas as classes, em comunhão, estavam ao lado do Interventor. Como exemplo, podemos citar a ocasião das festividades em comemoração ao 1º de Maio, Dia do Trabalho, onde *A União* trouxe uma matéria sob o título “Ruy Carneiro e os trabalhadores”. Nesta, é relatada uma manifestação “*natural e espontânea*” dos trabalhadores que confeccionaram uma faixa que dizia: “*Saudamos Ruy Carneiro, expressão máxima da democracia do Nordeste*”. E *A União*, então, se põe a analisar o fato:

Em todos os seus atos tem se revelado o governo paraibano verdadeiro e sincero democrata. Tem se feito presente o Interventor Ruy Carneiro a todos os anseios dos que precisam do amparo do poder público. (...) É natural que um homem com plena consciência das suas responsabilidades, disposto a não alimentar ódios, plasmando a sua diretriz no respeito a coisa publica, se faça alvo de calorosas e sinceras manifestações

<sup>35</sup> **A União**. João Pessoa. 16 ago. 1944 p. 1

<sup>36</sup> **A União**. João Pessoa. 20 ago. 1944 p. 1

<sup>37</sup> **Agência Meridional**. Rio de Janeiro. 16 ago. 1944. Apud **A União**. João Pessoa. 19 ago. 1944 p. 3

<sup>38</sup> **Diário de Pernambuco**. Recife. 30 nov 1944. Apud **A União**. João Pessoa. 1 dez. 1944 p. 3

populares. O trabalhador não é louvaminheiro. Elogia um homem quando esse se faz credor de elogios<sup>39</sup>.

Esta matéria, bem como em outras veiculadas por *A União* referentes ao 1º de maio, têm um ponto em comum: o apelo ao trabalho e a valorização do trabalhador, além de um apelo à sindicalização. Neste trecho, além da louvação de Ruy Carneiro como um democrata, ressalta-se também o amparo do poder público, o caráter assistencialista de seu governo, o que levou José Octávio a denominá-lo de “democracia sentimental”.<sup>40</sup> Essa aproximação de Ruy com lideranças do movimento popular foi, sem dúvida, uma forma de diversificar os quadros oligárquicos e, ao mesmo tempo, através de práticas populistas, estabelecer Carneiro como uma longeva força política baseada na preocupação com o social<sup>41</sup>.

### **Ruy Carneiro: um democrata?**

Segundo o órgão oficial, logo no início do governo, devido à calamitosa situação financeira que atravessava a Paraíba, Ruy Carneiro teve que promover uma série de cortes no orçamento de despesas que seriam “supérfluas”. Sua primeira ação nesse sentido foi a supressão do Serviço de Assistência Social, que segundo *A União*, consumia muitas verbas sem atingir seus objetivos<sup>42</sup>. Além do SAS, outros serviços e cargos foram extintos, com a justificativa de economia para o erário. Não poderemos discutir detalhadamente tal fato aqui, mas a extinção do SAS teve claras motivações políticas, marcando o início da disputa entre Ruy e o cônego José Coutinho (conhecido como Padre Zé) pelo controle da assistência social, especialmente na capital. Seguindo o exemplo do SAS, não teriam os demais atos sido fruto de motivações políticas? E será que todos ficaram satisfeitos e aceitaram passivamente estes atos do Interventor?

Caso ainda mais grave e que minou totalmente as relações entre Arquidiocese e Interventoria foi quando, em 31 de maio de 1942, Ruy Carneiro decidiu fechar o diário católico *A Imprensa*, justificada pela “tendenciosidade” em seu noticiário, com relação à suspensão de atividades do um colégio católico em Catolé do Rocha.

<sup>39</sup> **A União**. João Pessoa. 3 mai. 1944, p.3

<sup>40</sup> MELLO, José Octávio de Arruda. **Nos tempos de Félix Araújo**: Estado Novo, Guerra Mundial e redemocratização (1937 – 1947). João Pessoa: SEC-PB/IPHAEP, 2003, p.82

<sup>41</sup> GURJAO, Eliete. Op. Cit. p. 84. No entanto, essa aproximação de Ruy Carneiro com as classes populares não pode ser visto como uma guinada à esquerda, pois como bem lembra José Octávio no decorrer de sua obra, o anticomunismo convivia com o sentimento americanista entre as nossas elites intelectuais. Aliado a isso, crescia o repúdio ao Integralismo.

<sup>42</sup> **A União**. João Pessoa. 18 ago. 1940 p. 1

Outro indício de perseguição política foi o ato de Ruy Carneiro, logo no início do governo, de exonerar todos os prefeitos municipais e colocar em seus lugares homens de sua confiança. Qualquer um ao analisar tal medida certamente concordará que esta não foi uma medida das mais “democráticas”.

### **Considerações finais**

Ruy Carneiro, sem dúvida, adotou um estilo diferente de governar. Além de ampliar as audiências populares, se utilizava se visitas a repartições, obras em andamento, inaugurações, instituições filantrópicas, clubes, quermesses etc. como forma de estar sempre em evidência. Sua preocupação com a assistência social deu à sua administração um caráter popular que se incrustou no imaginário paraibano, para o que sem dúvida o jornal *A União* exerceu grande influência, alimentando a idéia de que, em sua administração, qualquer pessoa, fosse rica ou pobre, poderia falar com o Interventor, pois este estava sempre disposto a atender aos anseios de seu povo. As comemorações cívicas eram outra forma de reforçar os vínculos Interventor/povo, como também incutir ainda mais a ideologia estadonovista na população.

Conforme discutimos, o órgão oficial do Estado encetou a construção de um mito político, sendo Ruy Carneiro apresentado como um homem moderado, “administrador dos pés à cabeça”, estritamente envolvido no projeto estadonovista, muito bem relacionado na Capital da República etc. No entanto, duas imagens merecem destaque: a de “realizador” e a de “democrata”. Apesar de examinar a construção elaborada pelo jornal oficial nesse sentido, também identificamos alguns aspectos que contrariam essa imagem: a perseguição ao cônego José Coutinho, fechamento do jornal *A Imprensa*, a exoneração dos prefeitos municipais, supressão de serviços e cargos etc.

Incontestavelmente, a Imprensa oficial foi muito habilidosa ao construir toda uma retórica que distinguia a Paraíba como a “Suíça brasileira”, dirigida por um homem de grandes qualidades, que era “o escravo branco de seu povo”. Nesse particular, como coloca José Octávio, “*poucas vezes um grupo dirigente paraibano fez-se tão eficaz na construção de uma imagem, como essa de Ruy Carneiro*”.<sup>43</sup> E esta imagem atravessou o tempo, embora imponha revisões e pesquisas mais aprofundadas. O certo é que após a Interventoria, Carneiro tornou-se um verdadeiro mito e uma influente força política na

---

<sup>43</sup> MELLO, José Octávio. Op. cit. p.114.

Paraíba, o que certamente foi encetado durante seu governo, quando desfrutava de amplos poderes e influência nos jogos oligárquicos.

### Referências bibliográficas

ARNAUD, Raphael Carneiro. “Um governo liberal, democrático e pluralista”. In José Octávio de Arruda Mello (Coord.). **Capítulos da história da Paraíba**. Campina Grande: Grafset/Secretaria de Educação e Cultura, 1987, pp. 308-312.

CARVALHO, João Manoel de. “Ruy – a última cidadela do populismo”. In Pontes da Silva e José Octávio (Coords.) **Poder e política na Paraíba**. Uma análise das lideranças. 1960-1990. João Pessoa: A União/API. 1993, pp.29-34.

CITTADINO, Monique e SILVA, Ana Beatriz Ribeiro Barros. “Estado Novo na Paraíba: aspectos iniciais da Interventoria de Ruy Carneiro (1940-1945)” In: Monique Cittadino e Regina Célia Gonçalves (orgs.), **Historiografia em diversidade: Ensaio de História e Ensino de História**. Campina Grande – PB: Editora Universitária/ UFCG, 2008, pp. 121-142.

GURJÃO, Eliete de Queiróz. **Morte e vida das oligarquias**. Paraíba (1889-1930). João Pessoa: Universitária/UFPB, 1994.

\_\_\_\_\_. “A Paraíba republicana (1889 – 1945)” IN SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (org.). **Estrutura de poder na Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 1999. pp. 53 - 95

MELLO, José Octávio de Arruda. **Nos tempos de Félix Araújo: Estado Novo, Guerra Mundial e redemocratização (1937 – 1947)**. João Pessoa: SEC-PB/IPHAEP, 2003.

MELO, Oswaldo Trigueiro de A. **Galeria paraibana**. João Pessoa: Universitária/UFPB/Conselho Estadual de Cultura, 1998.

NÓBREGA, Armando. **Ruy: A política do coração**. João Pessoa: Edições Aquarius, s/d.

MAIA, Benedito. **Dois senadores**. João Agripino e Ruy Carneiro. João Pessoa: A União, 1989.

RODRIGUES, Inês Caminha Lopes. “Ruy Carneiro, Getúlio Vargas e as sombras do sol”. In: **Boletim de Pesquisa**. Vol. 3 João Pessoa: UNIPÊ, [s/d].

Fontes primárias: Jornais **A União** e **A Imprensa**.